

FALA, MAJETÉ! SETE CHAVES DE EXU: APONTAMENTOS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DE EXU E A SUA REPERCUSSÃO NA MÍDIA (RIO DE JANEIRO - 2022)

Auriane Stremel dos Santos (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Vanda Fortuna Serafim (Orientador). E-mail: ra133131@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

7.05.00.00-2 História; 7.05.05.00-4 História do Brasil

Palavras-chave: Carnaval Rio de Janeiro 2022; Estamira; Jardim Gramacho.

RESUMO

A pesquisa buscou pensar as representações de Exu realizadas pela Grande Rio, no carnaval do Rio de Janeiro, em 2022. Pelo caráter imagético da nossa pesquisa, a autora Sandra Pesavento (2008) e seu livro *O mundo da imagem - território da história cultural* tornou-se uma importante referência teórica e metodológica. Constatou-se que o debate sobre o racismo e sobre a intolerância religiosa no Brasil permanece urgente.

INTRODUÇÃO

A pesquisa buscou pensar e tecer relações acerca das representações de Exu no carnaval do Rio de Janeiro, de 2022 e a sua repercussão na mídia. Partimos de registros fotográficos feitos pela imprensa durante a passagem do desfile de carnaval da Grande Rio, e que posteriormente foram reproduzidos e circulados na internet. A escola trazia em sua comissão de frente, o ator Demerson D'Alvaro, performando Exu, que por sua vez, teve suas imagens destacadas, tornando-se o nosso foco, pois foi a fotografia mais reproduzida nas mídias sociais (e ainda é), além de ter sido aquela que capturou a nossa atenção.

O recorte histórico, Carnaval do Rio de Janeiro em 2022, abriu-se para considerar as relações com as notícias que circularam na internet contendo discussões em torno do enredo, que produziu dois tipos de discursos, enaltecendo ou atacando. Além disso, o diálogo com Estamira, personagem central do documentário homônimo, também se demonstrou um canal para pensarmos essas relações. A pesquisa, partindo do título do enredo, perpassou o livro *Abre Alas*, que possibilitou entender que a frase Fala Majeté era atribuída à figura de Estamira, protagonista do documentário de Marcos Prado. Assim, buscamos compreender a personagem Estamira, a fim de entendermos sua relevância no enredo. Posteriormente procuramos entrelaçar o discurso de Estamira, com as intenções do enredo segundo a obra *Abre Alas* publicada pela Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), trazendo discussão com a divindade iorubana Exu.

MATERIAIS E MÉTODOS

Pelo caráter imagético da nossa pesquisa, a autora Sandra Pesavento (2008) e seu livro *O mundo da imagem* - território da história cultural, tornou-se uma importante referência teórica e metodológica. Destacamos que no decorrer da nossa pesquisa, apresentamos as nossas indagações sobre as imagens que nos capturam, aquelas que nos chamam a atenção, e sobretudo, de que forma nos afetam. A reflexão acerca das maneiras que as imagens podem ser usadas na prática antirracista esteve presente em nosso fazer historiográfico.

Para pensarmos sobre a veiculação das imagens na mídia, recorremos a Norval Baitello, que se questionava sobre o desgaste e a perda da capacidade de vincular, relacionar as imagens e as leituras possíveis delas, indicando que de devoradores indiscriminados de imagens passamos a ser indiscriminadamente devorados por elas. Baitello, enquanto pensador da comunicação, considera as duas pontas do caminho de uma mensagem: a ponta geradora, que se constitui de um corpo, e a ponta-alvo que igualmente existe em sua natureza, e nesse sentido “de nenhuma das duas pontas se dissociam suas qualidades de portadores de memórias, história e historicidade, portanto de cultura” (Baitello, 2014).

As fotografias de Demerson foram realizadas durante o desfile, o que nos fez imaginá-las como frames de um filme, e, estamos diante de uma grande quantidade e variedade de imagens em movimento, por isso supomos que a nossa apreensão se dá de forma diferente de quando olhamos para uma imagem estática. Conforme Pesavento (2008), para analisar imagens, o historiador deve educar-se para precisa ter um olhar além do que vê e contextualizá-la para interpretá-la. Segundo ela, a História Cultural é que promoveu essa possibilidade para o historiador, que busca acessar o mundo dos homens do passado e Sandra, propõe que busquem não apenas o fato acontecido, mas a percepção das pessoas sobre a realidade que viveram naquele momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cobertura jornalística do evento, geradora e reprodutora dos registros fotográficos, veiculou inúmeras matérias contendo discursos, em grande parte, favoráveis ao enredo da Grande Rio; mas houveram aqueles que se posicionaram contrários à temática, o que trouxe à tona características da nossa sociedade que perpassam o cotidiano: a intolerância religiosa e o racismo.

Sobre o carnaval, o antropólogo Roberto Da Matta, explica que para entendermos o Brasil, precisamos prestar atenção às zonas de encontro e mediação, que para o autor são territórios nos quais o tempo fica suspenso temporariamente e onde podemos reinventar a nossa rotina, resolver problemas ou mesmo enfrentá-los. Local onde podemos perceber o sistema em que vivemos e criar esperanças de ver o mundo de cabeça para baixo. Para Da Matta o carnaval é um ritual coletivo no qual podemos sofrer tomadas de consciência por meio das

informações que são ali dramatizadas e sendo assim a sociedade pode ter uma visão alternativa de si mesma.

O livro *Abre Alas* abrange diversos aspectos do enredo e da estrutura narrativa do desfile, assim como a justificativa dos carnavalescos para a escolha do tema, que já era um acordo da escola, trazer algo do contexto da cidade de Duque de Caxias, onde fica a sede da Grande Rio e também o Jardim Gramacho.

Estamira Gomes de Sousa, nasceu em 1941 em Jaraguá, município do estado de Goiás, viveu e trabalhou no aterro sanitário do Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, durante 20 anos e faleceu em 2011, de uma infecção generalizada, com 70 anos de idade, após ter sido internada no Hospital Miguel Couto, no Rio de Janeiro.

Para entendermos o “ponto de conexão” entre Estamira e o enredo da Grande Rio trouxemos para a pesquisa a citação da fala de Estamira, sentada junto de seus amigos no lixão, ela interrompe sua fala com o interlocutor e diz: “Ô tá escutando - pega um telefone - BTGPT14059 Câmbio Exu! Fala Majeté Fala!” (ESTAMIRA, 58min13s, 2004). Vem daí o título do enredo.

Consideramos que as informações inclusive sobre o extinto Jardim Gramacho, foram importantes para compreender a realidade socioeconômica em que vivia Estamira e seus companheiros de lixão, pois em seu discurso, ela tece reflexões sobre aquela montanha de lixo, que se conecta com a importante discussão acerca do maior problema da questão ambiental, a destinação do lixo que produzimos.

Nesse contexto conseguimos tecer uma das conexões de Estamira com Exu, por meio do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva (2022), que nos ensina que a fome de Exu é um tema recorrente na mitologia; e em muitos terreiros se diz que Exu é a boca que tudo come. O autor explica que, na contradição dos fatos, Exu, ao tomar para si tudo sem retribuir, é sacrificado e se transforma num guardião da ordem, e na garantia de que tudo seja esclarecido, ou que tudo seja comunicado, para que o triângulo da dádiva dar-receber-retribuir seja mantido.

É importante salientar que o documentário é contemporâneo à implementação e à consolidação da Reforma Psiquiátrica no Brasil, que em abril de 2001 teve na aprovação da lei federal nº 10.216, o marco legal da Reforma Psiquiátrica brasileira, no sentido da desospitalização da assistência psiquiátrica, atendimento na comunidade e respeito aos direitos humanos do paciente e que Estamira tinha diagnóstico de transtorno psiquiátrico. No entanto ela optou por viver no lixão onde se sentia feliz.

Os carnavalescos esclarecem que a intenção para além de contribuir com o debate sobre o preconceito religioso, era mostrar ao grande público as muitas potências da energia exusíaca que estão presentes no cotidiano, nos mercados, feiras, bares, ruas, esquinas, e também nas vozes das pessoas excluídas como Estamira. Contribuem dessa maneira, para um reposicionamento dos saberes históricos, que muitas vezes, secundarizaram e até mesmo demonizaram as culturas africanas e as formas como se hibridizaram no Brasil. A Grande Rio faz um

trabalho oportuno em buscar trazer a divindade sob uma ótica africana, o que gera estranhamento aos olhares colonizados.

CONCLUSÕES

A partir da repercussão na mídia das imagens da Grande Rio entendemos que o debate sobre o racismo e sobre a intolerância religiosa no Brasil permanece urgente, e, portanto, a educação antirracista necessita ser ampliada por meio de ferramentas eficazes. Nesse sentido, o Carnaval enquanto veículo da nossa identidade por meio das letras dos sambas enredo carregadas da nossa História assim como as alegorias, as fantasias, as coreografias, trazem essa narrativa visual que compõe o que é sermos brasileiros, e, portanto, dignos de serem utilizados em sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Fundação Araucária pela bolsa, possibilitando a nossa pesquisa. Agradeço à professora Doutora Vanda Fortuna Serafim, por toda a sua paciência na nossa orientação, ampliando nossos horizontes, possibilitando vermos um caminho tão claro para a nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAITELLO, Norval. **As imagens que nos devoram**. Antropofagia e Iconofagia. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Encontro Imagem e Violência São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/> Acesso em 26 fev. 2024.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo da imagem: território da história cultural**. In. Narrativas, imagens e práticas sociais percursos em história cultural. Editora Asterisco, Porto Alegre RS. 2008

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: um Deus Afro-atlântico no Brasil**. Vol. 1. Editora da Universidade de São Paulo. 2022

Estamira Documentário, 2006

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wHISEEXMh4>

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025